

## APRESENTAÇÃO

# PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DE (DES) COLONIALIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

Thayse Figueira Guimarães (UFGD)

Fernando Zolin Vesz (UFMT)

Editores Organizadores

“O meu apelo a aprender com o Sul – entendo o Sul como uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo- significava precisamente o objectivo de reinventar a emancipação social indo mais além da teoria crítica produzida no Norte e da práxis social e política que ela subscrevera.” (BOAVENTURA SANTOS, 2008, 17)

O fim do colonialismo político imposto por países europeus a diversas regiões do planeta não significou o término das relações sociais desiguais geradas por meio de binômios, como europeu e não europeu (SANTOS; MENESES, 2010; GROSFUGUEL, 2012; STRECK; ADAMS, 2012; 2014), mantendo-se, na contemporaneidade, sob a forma de colonialidades. De acordo com Grosfoguel (2012), a colonialidade inclui não apenas as epistemologias, mas também a sexualidade, as relações de gênero, a política, a economia e as hierarquias etnorraciais, todas articuladas com a matriz de poder colonial que privilegia determinados posicionamentos binários e excludentes. Nessa seara, a linguagem sempre desempenhou papel decisivo, seja referindo-se a uma pluralidade de práticas de significação produtoras de assimetrias, poderes, saberes, posições, descrições e classificações do mundo social (PINTO; FABRÍCIO, 2013), seja tomada como produto de discursivização “[...] no interior de um dispositivo com fins de gestão e controle de povos e de terras” (SEVERO, 2016, p. 12).

Este dossiê, portanto, reúne artigos resultantes de pesquisas as quais analisam a relação entre práticas linguísticas e (des)colonialidades, de modo a compreender, por um lado, como as práticas linguísticas ainda constroem as colonialidades que produzem, conforme apontamos acima, classificações, assimetrias, descrições e saberes a respeito do mundo e da vida social, a exemplo das categorias de exclusão entre o “ocidente” e o mundo caracterizado como “não ocidental”, que concorrem para a manutenção de determinadas maneiras de pensar as quais têm produzido universais excludentes, como se o mundo social tivesse que ser compreendido apenas por um viés – preferencialmente “ocidentalizado” –, de modo a desqualificar e excluir todos os demais (classificados e descritos como “não ocidentalizados”). Por outro lado, os artigos integrantes deste dossiê também derivam de pesquisas que buscam alternativas, sem os purismos ou fundamentalismos característicos da colonialidade, para a construção

de descolonialidades na compreensão do mundo e da vida social. Em última análise, os artigos que compõem este volume temático buscam examinar o embate, edificado por meio das práticas linguísticas, entre a colonialidade e a descolonialidade na construção de sentidos sobre ser/estar na contemporaneidade.

Os três primeiros artigos abordam a problemática da colonialidade/decolonização, focalizando como as práticas linguísticas ainda constroem as colonialidades que mantêm as relações de opressão, dominação, exploração e pobreza dos povos, perpetuadas na manutenção de hierarquias entre povos ocidentais e não ocidentais. Caroline Francielle Alves, Viviane Pires Viana Silvestre e Sostenes Cezar Lima Cezar Lima em *Vozes do necrotério social: o que pessoas em situação de rua têm a falar?*, problematiza, sob uma ótica de(s)colonial, a lógica da colonialidade que impera sobre as pessoas em situação de rua no Brasil, discutindo os processos de desumanização desses sujeitos e suas condições de fala. Em seguida, Danilo da Conceição Pereira Silva, no artigo *O dispositivo da colonialidade de gênero no discurso transfóbico online*, discute a violência linguística praticada contra pessoas trans, tendo como *corpus* de análise comentários na internet sobre a *performance* da modelo e atriz transexual Viviany Belebony, que encenou uma crucificação na 19ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em junho de 2015. No argumento do autor, “a violência transfóbica, inclusive em sua faceta linguística, pode ser compreendida como parte do dispositivo de colonialidade de gênero”. Por fim, Daniele dos Santos de Souza, Fernando Zolin-Vesz e Adriana Auxiliadora da Silva, em *Amor supera conflitos entre filhos e mães – a construção discursiva do Islã como religião do atrito*, discutem a construção do Islã como a religião do atrito e dos “conflitos”, um oposto binário ao mundo ocidental, o qual se define como livre, racional, tolerante e moderno.

Os próximos três artigos discutem a relação entre ensino e (des)colonialidade. André Marques do Nascimento, em *Letramentos acadêmicos no espaço da diferença colonial: reflexões sobre trajetórias de estudantes indígenas na pós-graduação*, nos apresenta o embate entre a produção de pesquisas na pós-graduação e a descolonialidade da construção do conhecimento científico. Como o próprio autor estabelece, um dos objetivos do texto visa a contribuir com “a descentralização epistemológica do campo de estudos sobre letramentos acadêmicos, a partir da problematização de situações e experiências que emergem no espaço da diferença colonial”. Já Selma Silva Bezerra, em *Considerações acerca da teoria decolonial por meio de reflexões sobre a prática docente em língua inglesa*, analisa a própria prática de ensino de língua inglesa à luz da teoria decolonial, apresentando os efeitos da colonialidade que permeiam suas práticas de sala de aula. Ruberval Franco Maciel e Lorene Fernández Dall Negro Ferrari, em *Miradas situadas sobre translenguaje en una escuela en la frontera brasil-bolivia*, por sua vez, propõem investigar aspectos relacionados às práticas translíngues emergentes na interação entre uma professora e seus alunos de uma escola de ensino fundamental na fronteira entre Brasil e Bolívia, proporcionando um interessante debate acerca de ensino de língua e (des)colonialidade.

Agradecemos aos autores e desejamos prazerosas leituras!

## REFERÊNCIAS

FABRÍCIO, B. F.; PINTO, J. P. Inclusão e exclusão sociais em práticas discursivo-identitárias: microrresistências e possibilidades de agenciamento. In: PINTO, J. P.; FABRÍCIO, B. F. (Orgs.) *Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cãnone, 2013. p. 11-34.

GROSGUÉL, R. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. *Contemporânea*, v. 2, n. 2, p. 337-362, 2012.

SANTOS, B. S. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2010, 2. ed.

SANTOS, B. S. S. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. *Travessias*, Coimbra, n. 6-7, p. 15-36, 2008.

SEVERO, C. G. A invenção colonial das línguas da América, *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 11-28, 2016.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, p. 243-257, 2012.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. Curitiba: CRV, 2014. 152p.